

# Homenagem da UERJ ao Professor Milton Santos

## Milton Santos, o Mestre dos Geógrafos\*

*Suzana Mara Miranda Pacheco\*\**

A idéia de homenagear o professor Milton Santos nesta cerimônia traz em si uma carga simbólica para a Universidade e para os que se iniciam no campo da investigação científica. Milton Santos, como pensador, pesquisador e professor, representa a quintessência da universidade brasileira. Para mim foi uma honra e um enorme envolvimento emocional lembrar um pouco, a propósito desta solenidade, seu papel como intelectual brasileiro. Mais do que sua obra e biografia, quero ressaltar sua personalidade extraordinária. Portanto, é com muita emoção que lembro o homem comprometido com o seu tempo que nos legou uma lição de vida. Como grande admiradora que sempre fui do “Professor” – é assim que seus alunos o chamam, com imenso respeito – é que o recorde após quatro meses de sua morte, acontecimento que deixou uma dor profunda na comunidade de geógrafos do mundo.

A força de sua presença na academia pode ser evidenciada nos seus 20 títulos de doutor *honoris causa*, nos mais de quarenta livros e mais de trezentos artigos científicos publicados em diversas línguas. Milton Santos era conhecido e respeitado no mundo. Exilou-se na França por causa da ditadura militar no Brasil. Trabalhou em diversas universidades européias, norte-americanas, africanas e latino-americanas. Suas pesquisas sobre a urbanização nos países subdesenvolvidos se contextualizam durante o período em que viveu no exterior, conviveu com outros estudiosos e conheceu outras realidades. De 1983 até os últimos dias de sua vida trabalhou na Universidade de São Paulo, como professor emérito de Geografia Humana, de onde se relacionava com o mundo.

Em 1994 foi galardoado com o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. A revista *Veja* considerou-o um dos dez cientistas mais importantes do Brasil no século XX. Em 1998, o reconhecimento de sua importância como intelectual no Brasil se evidencia com o prêmio O Homem de Idéias, concedido pelo *Jornal do Brasil*. Desde então foi conquistando cada vez maior atenção com suas profundas e instigantes reflexões sobre os impactos da globalização na sociedade – o globalitarismo, como definiu. Suas idéias passam a ser conhecidas e debatidas fora da comunidade científica. Seus livros são lidos por muitos que se interessam pelo conhecimento da realidade contemporânea, e sua palavra se faz ouvida e compreendida por outros que se identificam com a indignação que ela expressa; indignação com a injustiça, a discriminação e as contradições sociais agudizadas na nação. Tor-na-se conhecida de todos a lucidez com que interpreta o nosso tempo e a generosidade com que nos brinda ao delinear a perspectiva de que podemos mudar o mundo a partir de nossas idéias, podendo surgir daí dias melhores.

Milton Santos publicou recentemente um livro sobre o Brasil, focalizando a perspectiva geográfica de análise da realidade. Trata-se de um intelectual brasileiro até a alma, completamente comprometido com a cultura brasileira.

Na academia, suas idéias são debatidas porque seu pensamento original está no centro do debate sobre a atualidade, para além do limites da Geografia. A abrangência de sua obra abarca diversos campos de conhecimento devido à sua erudição, qualidade que lhe permitiu constituir uma base sólida para a elaboração de um pensa-

mento crítico capaz de circunscrever a complexidade do mundo e as incertezas modernas. Mas como diz o professor Carles Carreras, da Universitat de Barcelona, Milton Santos era um “militante de idéias”, mas, sobretudo, foi um militante da Geografia. Para ele, a força explicativa das idéias pode ter força política. E a Geografia cumpre um significativo papel neste processo, ao desvendar a noção de território.

Grande teórico, com seus conceitos, categorias de análise e propostas de abordagem metodológica, participou ativamente da renovação crítica da geografia brasileira, dando-lhe novos contornos como campo científico e elevando nosso objeto de estudo – o espaço geográfico – à condição de prestígio na reconstrução da teoria social. Seu livro *Por uma geografia nova* marca o seu regresso ao Brasil. Suas análises do território e das técnicas contribuem para o entendimento do período técnico-científico-informacional por ele definido. Trata-se de um grande teórico cujo esforço de compreensão do mundo contemporâneo se expressa na linguagem atualizada dos novos conceitos e novas metodologias que permitem profundas e apuradas reflexões. O saber geográfico, recomenda-nos o Professor, deve pensar a condição humana de nosso tempo histórico.

Os estudos da urbanização brasileira foram enriquecidos com suas novas abordagens. A cidade sempre esteve no centro de suas atenções. A cidade corporativa, a cidade da pobreza urbana, dos miseráveis sem papel no presente, a cidade dos cidadãos. A polifônica cidade de todas as vozes, apesar de algumas serem mais audíveis que outras. As metrópoles e sua complexidade encontram possibilidades em suas interpretações e são alvo de seus estudos. A cidade é tema recorrente em sua obra, sendo a dissolução das metrópoles contemporâneas abordada com o vigor de sua crítica. O paradoxo, as contradições ganham contornos nítidos em suas análises, guiando-nos na direção do entendimento do mun-

do e dos lugares. Suas concepções nos ajudam a sistematizar a realidade apreensível no cotidiano, as possibilidades do tempo presente.

Milton Santos esteve diversas vezes nesta Universidade, convidado para participar de debates, conferências, mesas-redondas. Em 1998 a UERJ lhe conferiu o título de doutor *honoris causa* (em uma solenidade realizada nesta capela). Era um intelectual e, como tal, pensava criticamente o trabalho na universidade. Para ele, a crítica era uma obrigação do intelectual. Seu livro *O espaço do cidadão*, publicado em 1987, no contexto da Constituinte, reflete sua militância, não em partido político, mas na produção de idéias necessárias à transformação do mundo. Para ele, a universidade deve formar o cidadão, e o ensino cumpre um papel nesta formação que, pela sua natureza, não se coaduna com o apelo ao mercado que seduz. Para ele isso é uma armadilha porque o pensar deve-se voltar para o apelo à vida e à busca da verdade científica. Por isso, o Professor Milton Santos ensina aos estudantes a ter consciência da época em que vivemos, para não serem tragados pela regra do resultado.

Convivendo com a riqueza e o calor de sua obra – na qual a busca do conhecimento assume a dimensão das grandes causas – aprendemos a questionar e criar possibilidades para identificar os nexos existentes entre os homens e o mundo e compreender esta relação fundamental à nossa existência. Sua obra ensina a busca contínua do conhecimento do tempo em que vivemos e da nossa realidade. Sempre fiel às suas idéias, nos ensina que é possível pensar e participar mesmo estando na periferia do mundo globalizado, rompendo com o pensamento forâneo historicamente instalado. Afirma que, citando as suas palavras, a universidade deve produzir idéias que gerem ação, mudanças na sociedade e conquistas no marco da cidadania, e não apenas centrar seu papel social na administração das coisas.

O Professor pode ser lembrado pela emoção que é parte vital de sua obra. Publicou, em 1996,

o livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Esta obra, uma teoria geral do espaço humano que reúne o resultado de sua investigação dos últimos anos sobre o meio técnico-científico-informacional, destaca o homem, com sua racionalidade e com sua capacidade de emocionar-se. A emoção, presente em sua obra, em sua palavra, em sua relação com os colegas, com os alunos, com a comunidade científica, contribuiu para torná-lo um personagem ímpar na vida acadêmica, merecedor de tantas e justas homenagens.

Essa emoção que cinge seus gestos nobres e atitudes humanitárias chega aos jovens alunos através de sua palavra de estímulo, de seu exemplo de trabalhador incansável na tarefa de geógrafo, tarefa que exercia com um rigor acadêmico admirável e uma crítica que revelava a sua insubordinação, como intelectual que era. Os estudantes lotavam suas aulas e conferências, ansiando por ouvi-lo e absorver sua erudição, seus ensinamentos científicos e humanos. Deste legado podemos lembrar o dia em que na UERJ, em uma mesa-redonda que organizamos em 1998, Milton Santos finalizou sua intervenção com o punho cerrado lançando o grito de “Viva

a Geografia!” . A emoção contida em sua pessoa e que nos envolve como uma dádiva é uma valiosa herança a ser preservada e incorporada em nosso labor acadêmico e práticas cotidianas.

Sentimos imensa falta do Professor Milton Santos: da nobreza dos seus gestos, da precisão de sua crítica, de sua ironia, da inteireza e dignidade de suas atitudes, de sua consciência de ser brasileiro e negro, de seu sorriso sábio, cativante e incomparável. Sua vasta e fecunda obra nos fica como legado a ser continuado. Enfim, que sua presença na história do pensamento crítico no Brasil dos séculos XX e XXI, e sua alma brasileira, inspirem os jovens universitários e pesquisadores a não perder a fé no futuro, naquilo que podem ser como cidadãos, tomando consciência do que são agora e participando do presente para serem mais úteis à sociedade.

#### **NOTA**

- \* Discurso proferido na ocasião de entrega do Prêmio de Iniciação à Ciência Professores Eméritos da UERJ, realizado em 17 de outubro de 2001, na Capela Ecumênica da UERJ (*campus* Maracanã).
- \*\* Professora Adjunta do Departamento de Geografia da UERJ.

